

Coesão Textual

Clarissa Reis Melo
Jaciara J. Gomes*

Resumo:

O mecanismo lingüístico estudado neste trabalho é a coesão textual, que se refere à ligação de palavras, expressões ou frases dentro de uma sequência. No texto “Tudo bem intervir na Iugoslávia, mas...” (Ensaio, *Veja* – 09.06.99) é feita a análise da coesão textual por retomada e/ou por antecipação, mostrando a necessidade de conectores coesivos num texto jornalístico, pois tais elementos facilitam a leitura e as interpretações do texto, resultando num bom entendimento. Dessa forma, o leitor depreende a idéia do autor.

A Lingüística Textual, responsável pelo estudo da estrutura e do funcionamento dos textos, é capaz de explicar os fenômenos textuais através de uma gramática de enunciado. O texto é composto de grupos de enunciados e para produzi-lo e fazer com que seja entendido se faz necessária a habilidade do falante/escritor para falar/escrever. Para se ter textos, que são frases interligadas e não um monte de palavras soltas, é necessário haver uma produção lingüística, pois o texto é uma criação falada ou escrita que forma um todo significativo. Os textos são considerados unidades da língua com uma função comunicativa definível, caracterizando-se por vários fatores textuais: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade e intertextualidade.

Este trabalho pretende, portanto, analisar um importante fenômeno da textualidade: a coesão, mostrando sua necessidade nos encadeamentos frasais por retomada e/ou por antecipação. Esse mecanismo coesivo é necessário à construção textual, pois produz uma relação e uma dependência entre os enunciados que compõem o texto, facilitando o entendimento do mesmo. Então, a coesão por retomada e/ou por antecipação é analisada num ensaio do jornalista Roberto Pompeu de Toledo, tendo como título “Tudo bem intervir na Iugoslávia, mas...”, da revista *Veja* de 09 de junho de 1999. Para um melhor desenvolvimento deste trabalho, foram destacadas várias tendências teóricas sobre coesão textual dos seguintes autores: Halliday, Hasan, Beaugrande,

* Trabalho realizado na disciplina Língua Portuguesa III, sob a orientação da Profª. Angela Paiva Dionísio, em 1999.1.

Dressler, Widdowson, Marcuschi, Tannen, Charolles (*apud* Koch & Travaglia, 1989), Fávero (1997), Platão e Fiorin (1996), Koch e Travaglia (1989) e Koch (1997).

Coesão textual: revisão de conceitos

Coesão textual é um fator importante do texto que se refere à conexão de palavras, expressões ou frases dentro de uma seqüência. O texto coeso se constrói com elementos de ligação que podem ser pronomes, verbos, advérbios, conectores coesivos (termos e expressões); e sem seqüenciadores, sendo o lugar do conector marcado por sinais de pontuação (vírgula, ponto, dois-pontos, ponto-e-vírgula). Segundo Koch e Travaglia (1989:13), a coesão é explicitamente apresentada através de elementos lingüísticos, indicações na estrutura superficial do texto, sendo de caráter claro e direto, expressando-se na organização sucessiva do texto. Halliday e Hasan (1976 *apud* Koch & Travaglia, 1989:13) afirmam que a coesão é a relação semântica entre os elementos do texto que são decisivos para sua interpretação; e ainda que a coesão é a relação entre os componentes superficiais do texto e a maneira pela qual eles se interligam e se combinam para resultar num desenvolvimento desejado. Essa visão semântica da coesão diz respeito às relações de dependência que transformam enunciados interligados em um texto. Coesão é a relação de significado entre dois componentes do texto, sendo um dependente do outro. Ainda para Halliday e Hasan (*apud* Koch & Travaglia, 1989:15), “há dois tipos de coesão: coesão gramatical (expressa através da gramática) e coesão lexical (expressa através do vocabulário)”. Além dos conectores coesivos se faz necessário haver um certo grau de coerência para que um discurso seja um texto.

Para Beaugrande e Dressler (1981)¹, a coesão é o modo como os elementos superficiais do texto se interligam numa sucessão linear através de sinais lingüísticos. Widdowson (1978)² declara que “a coesão ‘é o modo pelo qual as frases ou partes delas se combinam para assegurar um desenvolvimento proposicional...’ e revela-se por índices formais, sintáticos, sem apelo ao

¹ (*apud* Koch & Travaglia, 1989:16)

² (*apud* Koch & Travaglia, 1989:17)

³ (*apud* Koch & Travaglia, 1989:21)

⁴ (*apud* Koch & Travaglia, 1989:21)

⁵ (*apud* Koch & Travaglia, 1989:22)

⁶ (*apud* Koch & Travaglia, 1989:23)

⁷ (*apud* Koch & Travaglia, 1989:23)

pragmático”. Para Marcuschi (1983)³, a coesão diz respeito à estruturação sucessiva da superfície do texto e a sua conformidade linear sob o aspecto lingüístico. Tannen (1984)⁴ se refere à coesão como o conjunto de conectores do texto que apresenta relações entre os componentes do mesmo. Charolles (1987)⁵ define coesão como as correspondências de associação entre as partes de enunciados do texto “que podem se resolver em termos de igualdade ou diferença: pronomes, descrições definidas e demonstrativos, possessivos, etc.”

“Todos os estudiosos do texto estão de acordo quanto ao fato de que coesão e coerência estão intimamente relacionadas no processo de produção e compreensão do texto” (Koch & Travaglia 1989:23). Para Tannen (1984)⁶, a coesão favorece o estabelecimento da coerência, porém não obriga sua aquisição. Marcuschi (1983)⁷ assevera que “há textos sem coesão mas cuja textualidade ocorre a nível de coerência.” Ainda segundo Koch e Travaglia (1989:24), “evidentemente, um texto coeso pode parecer incoerente, por dificuldades particulares do leitor, como o desconhecimento do assunto ou a não-inserção na situação. Tudo isso evidencia que a coesão ajuda a estabelecer a coerência, mas não a garante, pois ela depende muito dos usuários do texto (seu conhecimento de mundo) e da situação. Na verdade, a coesão ajuda a perceber a coerência na compreensão dos textos, porque é resultado da coerência no processo de produção desses mesmos textos”.

Há dois tipos principais de coesão: a retomada de termos, expressões ou frases já ditos e/ou sua antecipação e o encadeamento de segmento textual. A coesão por retomada por uma palavra gramatical (pronomes, verbos, numerais, advérbios) se dá quando um termo se refere àquele que já foi mencionado no texto, como *Luís está no hospital. Ele está doente*, o pronome *ele* é um anafórico de *Luís*. Quando uma palavra gramatical antecipa um termo do texto, ocorre a catáfora; no exemplo a seguir, o pronome *isso* antecipa *tomou banho de chuva por quatro horas seguidas* (*Luís fez isso: tomou banho de chuva por quatro horas seguidas*). O artigo definido é usado para retomar um referente indefinido já mencionado, exemplo: *Luís tomou uma xícara de chá. A xícara era de louça*, o vocábulo *xícara*, mencionado na primeira oração, passa a ser acompanhado pelo artigo definido *a*. Ainda como anáforas, os verbos *ser* e *fazer* substituem outros por retomada: *Luís tomou chá. Leila fez o mesmo*, o verbo *fazer* substitui verbos de ação, sempre acompanhado de um pronome. O verbo *ser* substitui verbos de estado: *Luís parece frágil. Leila também é*, pois Leila também é frágil.

A retomada por palavra lexical (substantivos, verbos, adjetivos) se dá por repetição ou substituição por sinônimo, múltiplo referenciamento (repetição de um mesmo fenômeno por formas diversas), hiperônimo (elemento que mantém

com o segundo uma relação de todo) ou hipônimo (elemento que mantém com o segundo uma relação de parte) ou por antonomásia (substituição de um nome próprio por um comum ou vice-versa). Estes mecanismos podem ser assim exemplificados: *Luís gosta de quadros. Expressionistas, então, ama*, existe aí um hiperônimo; o hipônimo aparece assim: *O galo canta toda manhã. Essa ave acorda todo mundo bem cedo*. A antonomásia é dizer *Ele é um judas*, em vez de *Ele é um traidor* ou se referir ao *rei do futebol* em vez de *Pelé*. Alguns nomes genéricos como *gente, coisa, negócio, elemento*, funcionam como itens de referência anafórica, como *O eclipse iluminava a todos. Era uma coisa mágica*, a *coisa* é o eclipse. Muitas vezes para se entender as formas nominais definidas (múltiplo referenciamento) se faz necessário haver um conhecimento de mundo, e não apenas a sinonímia, pois expressões como *populista, pai dos pobres* e *estadista*, se referem a *Getúlio Vargas* e podem substituí-lo num determinado contexto. A elipse é o apagamento de um termo da frase que pode ser recuperado pelo contexto, exemplo: *Em que hospital Luís está? Está no hospital da Restauração*, neste caso o sujeito do verbo *estar*, nas duas passagens, é *Luís*.

A coesão seqüencial é feita por encadeamento de segmentos textuais e tem por função assinalar que a informação se desenvolve, ou seja, leva à frente o discurso. Os conectores coesivos seqüenciais (palavras ou expressões) são responsáveis pela concatenação, pela criação de relações entre os segmentos do texto, marcando conclusões, gradações, comparações, argumentos decisivos, generalizações, exemplificações, correções, explicitações, entre outros. Além disso, a coesão seqüencial pode ser feita sem o uso de seqüenciadores, “cabendo ao leitor reconstruir, com base na seqüência, os operadores que não estão presentes na superfície textual” (Platão & Fiorin, 1996:382). Neste trabalho não se fará a análise da coesão seqüencial.

Análise de texto: uma aplicação de conceitos

No texto “Tudo bem intervir na Iugoslávia, mas...” de Roberto Pompeu de Toledo (Ensaio, *Veja* – 09.06.99), pode-se observar a discordância do jornalista em relação à maneira pela qual os Estados Unidos e os aliados intervieram na Iugoslávia. O texto é construído de forma contestadora mostrando que os interventores se utilizam da supremacia política e do poderio bélico para “se mobilizarem em favor dos direitos humanos”, porém, contra o adversário incapaz de guerrear no mesmo nível, pois já se sabe “de início que o sangue só jorrará de um lado”. Há no texto citações de autores, quer reforçando o caráter opressor da guerra, o que privilegia o adversário mais poderoso, quer recordando que a

guerra em terra contrabalançava sua natureza perversa através de igualdade de condições dos adversários, honrando, em parte, o combate. Além disso, nota-se a presença, no título, do conector coesivo *mas*, que possibilita interpretações das mais diversas por tratar-se de um conector seqüencial que exprime idéia contrária, introduzindo um argumento decisivo à imagem negativa da guerra. Esta relação de contrajunção desenvolve-se ao longo do ensaio de Toledo.

O mecanismo analisado, neste texto, é a coesão por retomada e/ou por antecipação. O texto chamou atenção imediatamente para a retomada do mesmo fenômeno por formas diversas, equivalentes, de termos, o que se chama múltiplo referenciamento, o vocábulo *guerra*, exposto no *lead*, é retomado em todo o texto pelos termos *intervenção militar*, *operação*, *combate*, *marcha batida*, *ataque*, *bombardeio*. No *lead* encontra-se o pronome relativo *que* na expressão *em que* se referindo a *um tipo de guerra*. O pronome pessoal da terceira pessoa *ela* mais a preposição *em* resulta no termo *nela*, que é um anafórico por retomada da palavra *guerra*. No primeiro parágrafo, o termo *nisso* é um conector catafórico, pois antecipa *uma era de mobilização das potências em favor das gentes e da punição dos tiranos*, já *isso tudo* é uma anáfora de todas as explicações anteriores referidas neste parágrafo.

Presente em todo o texto, a elipse, ou seja, o apagamento de um termo da frase que é facilmente depreendido do texto, torna o texto bastante coeso nas seguintes passagens: no primeiro parágrafo, depois que o sujeito *Norman Mailer* é mencionado, vem elíptico nos verbos *ser*, “*é um inteligente analista da política americana*”, e *explicar*, “*explicou o que é*”, além de vir elíptico no terceiro parágrafo, *(Norman Mailer) escreve*. Há ainda neste parágrafo a elipse do termo *o que incomoda*, ou seja, *(o que incomoda) é a desproporção do risco*, e do termo *o ataque* em duas passagens do verbo *ser*, *é “opressão”* e *(o ataque) “é obsceno”*. No quarto parágrafo são observadas as elipses: *(a guerra) foi mais (cruel)*, neste caso houve o ocultamento do sujeito e do predicativo destacados entre parênteses, há também o termo *o livro foi*, que foi suprimido do parêntese do texto: *((o livro foi) editado no Brasil...)* e ainda o termo *os gregos* que pode ser depreendido do texto em *inventaram o combate face a face*. No quinto parágrafo este expediente de coesão é assinalado na primeira frase com o apagamento do termo *o padrão era*, quando *(o padrão era) desrespeitado*, é suprimido também o sujeito *Bayard* de *mandava executá-lo*. A elipse é encontrada também no sexto parágrafo em duas passagens, com o nome próprio *Philippe Morillon*, pois ele é o sujeito do verbo *perguntar*, quando *(Philippe Morillon) perguntou* e em relação ao apagamento do termo *estão preparados*, não *(estão preparados) para morrer?*

E finalmente no sétimo parágrafo, a elipse se dá com o termo “*a guerra só de bombardeio*”, pois é o sujeito de *foi desencadeada* e *foi lançada*, e com o termo *Milosevic*, que é o sujeito de *redobrou suas atrocidades* e de *continuará aí*.

Há coesão por retomada de artigo definido no segundo parágrafo, no trecho *uma guerra em terra*, o artigo *uma* é retomado pelo *a*. Acontece também a retomada pelo numeral *dois*, *os dois lados*, que se reporta a *adversários*, sendo, portanto, uma anáfora. A função anafórica se apresenta neste parágrafo com *seus*, que diz respeito a *ambos os adversários* e *isso*, que se refere à *dor de perder os jovens*. A catáfora é assinalada no terceiro parágrafo com o termo *essa*, pois antecipa *marcha batida*, e a coesão por retomada, ou seja, anafórica, dá-se com a expressão *nesse (esse)* pois alude a *um tipo de guerra sem risco de vida*, e *outro* alude a *um ponto alto de um tipo de guerra sem risco de vida*. O quarto parágrafo apresenta dois conectores coesivos por retomada, o pronome *sua* que remete para o vocábulo *guerra* e *da qual*, pronome relativo que se refere à *uma certa noção de honra*. No quinto parágrafo, aparecem quatro casos de coesão anafórica, o pronome *sua* faz referência a *Terrail de Bayard*, o pronome *cuja* e o pronome *o* de *executá-lo* remetem para *soldado*, e *deles (eles)* se refere a *cavaleiro e lanceiro*. As anáforas do sexto parágrafo são as seguintes: o pronome *tais* remete para *inovações como os submarinos e os aviões*, o pronome *onde* diz respeito à “*terra em guerra*”, o pronome relativo *que* se refere ao termo *adversário mais fraco*, o pronome pessoal *ela* se reporta a *guerra de cima*, e por fim, o pronome demonstrativo *esses* remete para *soldado*. O sétimo e último parágrafo do texto apresenta a coesão textual por retomada por várias palavras, o pronome *suas* se reporta a *Milosevic*, os pronomes *ela* e *a* de *repensá-la* aludem a *guerra só de bombardeio*, a *eficiência duvidosa da guerra* é retomada pelo pronome *isso*, e o pronome *os* se refere a *argumentos* numa coesão anafórica.

Com a utilização de conectores de coesão por retomada e/ou por antecipação, além de conectores seqüenciais, que não foi estudo desta análise, pode-se construir um texto bastante coeso, permitindo assim que a discordância do ensaísta Roberto Pompeu de Toledo em relação à maneira com que os norte-americanos e aliados intervieram na Iugoslávia seja percebida pelo leitor.

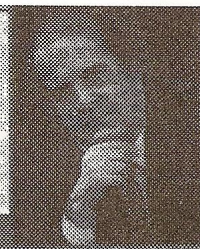
Conclusão

Pode-se concluir, com este trabalho, que os conectores de coesão de um texto não o fazem coerente, mas foi visto que para textos jornalísticos, assim como científicos, didáticos e outros, faz-se necessário o uso de elementos coesivos para uma boa leitura e um bom entendimento do texto. A coesão textual

apresenta subsídios para interpretações reais e não ambíguas, e se dá através de ligações entre palavras, expressões ou frases. Por mais organizado que esteja o texto, a compreensão não se dará se os elementos coesivos não estiverem numa seqüência lógica, e para o leitor, ele se apresentará destituído de coesão. Assim sendo, é necessário que ao se elaborar um texto, utilizem-se recursos coesivos.

Referências Bibliográficas

- BLIKSTEIN, Izidoro (1998). *Dicionário de lingüística*. São Paulo, Cultrix.
- CRYSTAL, David (1998). *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro, Zahar.
- FÁVERO, Leonor Lopes (1997). *Coesão e coerência textuais*. São Paulo, Ática.
- KOCH, Ingedore & TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1989). *Texto e coerência*. São Paulo, Cortez.
- KOCH, Ingedore (1997). *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, Contexto.
- PLATÃO, Francisco & FIORIN, José Luiz (1996). *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo, Ática.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de (1999). Tudo bem intervir na Iugoslávia, mas... *Veja*, São Paulo, ed. 1601, ano 32, n.23, p.182, 09 jun.



Tudo bem intervir na Iugoslávia, mas...

Roberto Pompeu de Toledo Ensaio

Mas incomoda um tipo de guerra em que está combinado de início que o sangue só jorrará de um lado

Por mais que se reconheça o caráter nefando da política de "limpeza étnica" praticada pelo presidente iugoslavo Slobodan Milosevic contra os albaneses de Kosovo; por mais que se admita que pela primeira vez uma intervenção militar dos Estados Unidos e dos aliados europeus não teve o caráter interesseiro da busca de vantagens econômicas, territoriais ou estratégicas; por mais que a operação na Iugoslávia possa anunciar, e nisso tem parentesco com o episódio da detenção

do general Pinochet na Inglaterra, uma era de mobilização das potências em favor dos direitos das gentes e da punição dos tiranos; por mais que se tenha em mente isso tudo e mais alguma coisa, em favor da decisão de intervir, algo nela incomodou — e não foi apenas a falta de pontaria dos pilotos da Otan. Que seria? O escritor americano Norman Mailer, que quando não se encontra em viagem em torno do próprio ego, nem ocupado em dar golpes de boxeador nas ex-mulheres, é um inteligente analista da política americana, dos rumos do mundo e das razões humanas em geral, explicou o que é, num artigo publicado pelo jornal *The Washington Post*:

"Nunca é fácil defender uma guerra, mas, ainda assim, há uma visceral diferença entre um combate voltado unicamente para o bombardeio e a participação numa guerra em terra. A guerra em terra é sempre mais cruel do que pode conceber a mente humana, mas há exemplos ocasionais de heroísmo e sacrifício e, uma vez que ambos os adversários acabam perdendo seus jovens, há uma dor de certa forma compartilhada entre os dois lados. Ao longo dos anos e décadas, isso pode mesmo permitir a reconciliação".

O que incomoda, no tipo de guerra escolhido pelos Estados Unidos e aliados, não é a desproporção dos recursos e do poderio bélico. É a desproporção do risco. Não se trata de tendência nova, como se sabe. Os Estados Unidos — deixemos os aliados de lado, pois é dos Estados Unidos que se trata — renunciaram aos combates abertos desde a Guerra do Vietnã, quando as dezenas de milhares de mortes de jovens americanos provocaram a saturação da opinião pública. Desde então, tentam aprimorar um tipo de guerra sem risco de vida. A Guerra do Golfo Pérsico, há quase nove anos, foi um ponto alto, nesse sentido. A Guerra da Iugoslávia é outro. É contra essa marcha batida que Norman Mailer se indigna. O ataque que desaba de cima,

segundo o escritor, não é combate — é "opressão". "Se o bombardeio é feito segundo a noção de que nosso próprio sangue não pode ser derramado", escreve, "é obscuro".

Longe de se pretender aqui que a guerra, em outros tempos, tenha sido menos cruel. Em certos aspectos, como o tratamento de prisioneiros, foi mais. Mas a guerra, desde que os povos se constituíram em Estados e os Exércitos em instituições, teve por apêndice, como a contrabalaço sua natureza intrinsecamente perversa, uma certa noção de honra, da qual faz parte, como num duelo esportivo, observar a igualdade de condições entre os contendores. Aprende-se no livro *Uma História da Guerra*, do especialista inglês John Keegan (editado no Brasil pela Companhia das Letras), que os gregos, superando as artimanhas dos povos primitivos, inventaram o combate face a face. Num "campo de batalha estreito", combatia-se "escudo contra escudo, lança contra lança".

A partir de então fixou-se um padrão na arte de guerrear que, quando desrespeitado, causaria a revolta de um personagem como Terrail de Bayard, "o cavaleiro sem medo e sem reproche", guerreiro francês dos séculos XV-XVI célebre por sua bravura. Bayard, quando prendia um besteiro, soldado cuja especialidade era jogar projéteis de longe, mandava executá-lo, por covardia. "Armado com uma besta", escreve John Keegan, "um homem poderia, sem o longo aprendizado de armas necessário para formar um cavaleiro ou o esforço moral exigido de um lanceiro a pé, matar qualquer um deles a distância, sem se colocar em perigo".

O século XX pôs em xeque o padrão grego da guerra face a face com inovações como os submarinos e os aviões. Mas tais recursos eram sempre complementos da guerra em terra, onde se desenvolvia a ação principal. Fazer guerra só de cima, com aviões ou mísseis lançados a uma distância segura, contra adversário que já se sabe a priori ser incapaz de reagir, é inovação dos últimos anos. Antes de Mailer, ela já fora questionada pelo general francês Philippe Morillon, quando perguntou: "Que soldados são esses, que estão preparados para matar, mas não para morrer?"

A guerra só de bombardeios conhece uma crise. Não pelos motivos citados, mas pela eficiência duvidosa. Foi desencadeada contra Saddam Hussein, no Iraque, e Saddam ainda está aí. Foi lançada contra Milosevic, e Milosevic não só resistiu além da conta como redobrou suas atrocidades e possivelmente, terminadas as hostilidades, continuará aí. Se ela for repensada, será por isso. Argumentos como os de Norman Mailer ajudam, porém, a repensá-la também sob o aspecto de um tipo de guerra em que fica combinado de início que o sangue jorrará só de um lado.